

CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA

MALAMOR/Tainted Love – REALIZADORES CONVIDADOS: JOÃO PEDRO RODRIGUES E JOÃO RUI GUERRA DA MATA

com a BoCA – Bienal de Artes Contemporâneas

2 e 10 de outubro de 2025

VAPORS / 1965

um filme de ANDY MILLIGAN

Realização, direção de fotografia, decoração, guarda-roupa, som, montagem: Andy Milligan (alguns dos cargos surgem creditados sob pseudónimo: Gerald Jackson, Dick Fox, Raffine, Joi Gogan) / *Argumento:* Hope Stansbury, a partir da sua peça homónima / *Maquilhagem:* Walter Moody / *Iluminação:* Bob Vale / *Genérico:* Vic Lawled / *Interpretação:* Robert Dahdah (Sr. Jaffee), Gerald Jacuzzo (Thomas), Hal Sherwood (Menina Parish), Hal Borske (Mavis), Richard Holdberger (Thumbelina), Larry Ree (Taffy), Joel Thurm (empregado), Ron Keith (intruso), Mayron Williams (contínuo), Matt Baylor (homem).

Produção: EAndy Milligan (com o pseudónimo Gerald Jackson) (EUA, 1965) / *Cópia:* digital (a partir da transcrição de materiais em 16mm), preto e branco, falada em inglês, legendada eletronicamente em português / *Estreia:* 3 de dezembro de 1965, EUA / *Duração:* 33 minutos / *Primeira exibição na Cinemateca.*

THE MYSTERY OF THE LEAPING FISH / 1916

um filme de JOHN EMERSON, CHRISTY CABANNE

Realização: Christy Cabanne (realizador da primeira fase da rodagem, despedido), John Emerson (realizador das refilmagens) / *Argumento:* Tod Browning / *Intertítulos:* Anita Loos / *Direção de fotografia:* John W. Leezer / *Assistente de câmara:* Karl Brown / *Supervisão:* D. W. Griffith / *Interpretação:* Douglas Fairbanks (Coke Ennyday/ ele próprio), Bessie Love (Inane/ amiga de Douglas Fairbanks), Allan Sears (Fishy Joe Gent Rolling in Wealth), Alma Rubens (cúmplice feminina), Charles Stevens (cúmplice “japonês”), Tom Wilson (Chefe da Polícia I.M. Keene), George Hall (cúmplice “japonês”), William Lowery (líder do grupo), Joe Murphy (homem do carro), B.F. Zeidman (editor de argumentos de cinema).

Produção: Triangle Film Corporation (EUA, 1916) / *Cópia:* 35mm (MoMA), preto e branco, muda (19 f.p.s), intertítulos em inglês, legendada eletronicamente em português / *Duração:* 25 minutos / *Estreia:* 11 de junho de 1916, EUA / *Inédito comercialmente em Portugal / Primeira (e única) exibição na Cinemateca:* 4 de junho de 1984, ciclo “Tod Browning”.

NOTA: Vapors e The Mystery of the Leaping Fish são exibidos juntamente com The Story of Temple Drake (1933, Stephen Roberts), cuja “folha” é distribuída em separado. Não há intervalo e a duração total da projeção é de 130 minutos.

VAPORS

Andy Milligan tornar-se-ia, depois de **Vapors**, num dos realizadores mais conhecidos do dito “sexploitation”, realizando dezenas de filme onde o sexo e a violência são exibidos de forma algo rebarbativa. Se no final dos anos 1960 e ao longo da década seguinte, Milligan encontrou uma linha de produção que lhe permitiu algum sucesso através dos cinemas de sessões duplas e triplas com filmes de terror *softcore*, o seu arranque é feito nos circuitos *underground* nova-iorquinos, tanto do cinema como do teatro off-off-Broadway. No entanto, desde o princípio, Milligan fez dos seus filmes um *one man show*, produzindo, filmando, construindo *décors*, guarda-roupa e montando os seus próprios filmes (que rodava em casas de amigos, numa primeira fase, e depois numa mansão algo decadente nos arredores da cidade). Feitos entre amigos, com equipamento leve (câmara de 16mm manejada à mão à semelhança daquilo que Andy Warhol havia instituído) e usando pontas de película doutras produções, os filmes custavam tuta e meia, o que tornava o projeto financeiramente sustentável. Isto manteve-se durante uma década, até meados dos anos 1970, quando o realizador regressou ao teatro e acabou por se mudar para Los Angeles, onde ainda realiza um par de filmes de terror e funda nova companhia de teatro independente. Chamaram-lhe “o Fassbinder da 42nd street”, mas na verdade Andy Milligan representa muito mais a “degenerescência” (no bom sentido) da Factory de Warhol, antecipando assim o *camp* de John Waters (até porque muitos dos seus filmes exploram os mesmos temas da família disfuncional, da sexualidade reprimida, da deformação física, da violência e da transgressão – todos eles presentes em **Vapors** de forma ainda tentativa).

Vapors, sendo o primeiríssimo dos seus filmes, é eventualmente aquele onde as influências do meio teatral são mais evidentes. Antes de mais porque Milligan parte de uma peça de teatro escrita pela atriz Hope Stansbury (que entrará em vários dos posteriores filmes do realizador e que, segundo alguns, é a ‘real life character’ que inspirou a *persona warholesca* de Candy Darling), e como tal todo o filme tem esse ambiente claustrofóbico de *huis clos*. É curioso que tenha sido uma mulher a escrever esta história de encontros entre homens (curioso e significativo), no entanto a atriz ter-se-á inspirado nas histórias que lhe contavam os amigos gay depois das suas romarias pelos locais de engate da cidade. Toda a ação decorre numa sauna e centra-se num diálogo entre dois desconhecidos que se encontram num cabine – enquanto o rebuliço do sexo casual decorre nos corredores e nas cabines adjacentes. O retrato daquela sauna está algures entre o manicómio e a prisão (claramente Milligan conhecia **Un chant d'amour**), mas ao contrário do tom desbragado dos seus filmes subsequentes, **Vapors** é surpreendentemente terno.

O diálogo (algo devedor das peças de Jean Genet – que Milligan conhecia bem, já que o havia encenado num pequeno teatro em Greenwich Village no final dos anos 1950) revela com particular empatia a súbita intimidade de uma relação furtuita e a facilidade com que se fazem as mais profundas confissões a um estranho, especialmente quando se sabe que nunca mais se lhe porá a vista em cima. O desespero, a solidão e o desejo destes homens é a razão de ser de **Vapors**, onde a atração física de um pelo outro é respondida, em sentido inverso, através de uma incestuoso amor paternal. As projeções do desejo são ambíguas e a excitação confunde-se com a revisitação lutoosa de um pai no aniversário da morte do seu único filho, e a isso acrescenta-se uma dimensão psicanalítica com referências a um pesadelo sobre pés de mulher cheios de joanetas (uma obvia alusão à homossexualidade reprimida – *ma non troppo* – da personagem, interpretada por Bob Dahdah, que era, na realidade, o diretor do referido teatro *underground* onde Milligan havia encenado peças, o Caffe Cino). Aliás, a fetichização dos pés é, no fim de contas, a forma possível de acesso à intimidade entre aqueles dois homens – mais uma vez imposta por uma lengalenga infantil, sublinhando-se assim a dimensão incestuosa da relação. O plano final, o único sexualmente explícito e de que apenas subsistem versões censuradas (já que terá sido por causa desse plano que a estreia do filme, em dezembro de 1965, foi interrompida pela polícia que apreendeu todo o material), desagradou à autora Hope Stansbury, mas ele é perfeitamente coerente com esta dimensão incestuosa – que Milligan viria a explorar amiúde nos seus filmes futuros. A um bebé chorão há que dar uma chupeta.

Ricardo Vieira Lisboa

THE MYSTERY OF THE LEAPING FISH

É com surpresa e algum entusiasmo que descobrimos **The Mystery of the Leaping Fish**, de cuja história Tod Browning é responsável. Diz que estamos perante uma dessas comédias dos anos 1910 em que todas as peripécias parecem possível é, sem dúvida, verdadeiro, mas insuficiente. Não é apenas a liberdade de associação da ficção que é admirável, não recuando perante nenhuma excentricidade (desde as seringas com que Coke Ennyday se injecta ciclicamente, até aos incríveis peixes citados no título); é também o facto de essa liberdade abrir espaços (e a palavra parece, aqui, duplamente correcta), para uma disponibilidade figurativa que invade a imagem e cujas proezas parecem imparáveis; é, por exemplo, a espantosa máquina que permite a Coke saber quem bate à porta; é o plano delirante do cavalheiro literalmente inundado em dinheiro (a ficha original fala, muito justamente, de um *gent rolling in wealth*); é a mala dos disfarces, remetendo-nos para um mundo, dir-se-ia que à maneira de Magritte, capaz de fazer coexistir as palavras e as coisas; é, enfim, o simples facto de Coke tirar e pôr o bigode, como que mostrando e demonstrando que a sua presença se reduz a uma matéria instável, puro traço escrito no ecrã, alterável em função do desejo que (o) figura. Tudo se passa, então, como se **The Mystery of the Leaping Fish** pertencesse a uma dessas zonas de pura libertação e artifício (incluindo o artifício dessa libertação) que o cinema ciclicamente produz e onde uma figuração anárquica e, a bem dizer, selvagem, encontra o território do seu desenvolvimento. A simples utilização das referências à droga (recordar-se: este é um filme de 1915) é, neste aspecto, reveladora. Claro que se pode considerar que a base irónica do filme passa por uma caricatura evidente do mito de Sherlock Holmes, de qualquer modo, não deixa de ser sintomático que a ação seja balizada por um breve prólogo (o grande plano em íris de Douglas Fairbanks) e um epílogo (de novo com o actor-vedeta prolongando, *através de si próprio*, o delírio da ficção anterior). Nesses momentos se diz, ainfal, que o filme tem tanta consciência da vertigem que o comanda que sabe, inclusivamente, aplicá-la como fonte de *mais espectáculo*.

João Lopes